
A ESTÉTICA DO ABSURDO EM ‘O ESTRANGEIRO’ DE ALBERT CAMUS

LAURITI, Thiago¹

Resumo: Este artigo pretende analisar sucintamente o romance “*O Estrangeiro*” do autor Albert Camus, procurando identificar as marcas de uma estética absurdista e assim delineando como tais mecanismos estéticos se operacionalizam dentro do livro.

Palavras-chave: Estética - Absurdo ficcional - Romance

Abstract: This article aims to briefly consider the novel "*The Foreigner*" the author Albert Camus, seeks to identify the marks of an aesthetic so absurd and outlining how such mechanisms are aesthetic operationalize within the book.

Key-words: Esthetics - Absurd Fiction - Romance

[o homem absurdo] reconhece a luta, não despreza absolutamente a razão e admite o irracional. Desse modo ele recupera a atenção de todos os dados provindos da experiência. (CAMUS, 1977, p.55).

SABER ACADEMICO

Proliferam, na crítica literária, as análises que enfatizam que na base da obra de Camus está a reflexão sobre o absurdo, todas elas priorizando as matizes filosóficas em detrimento dos valores literários que ela apresenta.

Assim, o foco deste artigo está na reflexão sobre como o absurdo é criado ficcionalmente no romance “*O Estrangeiro*” (1942).

O protagonista de Camus, nessa obra, é Mersault um escriturário de Argel que viaja até uma cidade próxima para enterrar sua mãe, sem chorar no enterro, demonstrando ser um tanto insensível. “Na nossa sociedade, todo homem que não chorar no enterro da mãe corre o risco de ser condenado à morte”. (CAMUS, 1977, prefácio). Mersault fica sabendo da morte da mãe num asilo de velhos em Marengo, não sente emoção especial, enterra-a, vai para a praia e envolve-se com uma moça. Mais tarde, ela lhe pede que se case com ela e embora não a ame, também não a recusa. O personagem vive ao sabor da distração, do acaso e do absurdo. Numa praia, Mersault, sob o apelo dessa arbitrariedade absurda em que vive, mata um árabe e é levado ao tribunal onde sua indiferença com a mãe adquire – estranhamente – mais relevância do

que o assassinato que cometera, causando um maior impacto sobre os jurados. Ao final, ele é condenado à morte e, embora vivendo arbitrariamente e absurdamente, ele não quer morrer, sonha receber indulto, mas recusa a ajuda do capelão da prisão, manifestando vontade de matá-lo. Observa-se que, paradoxalmente, ele tem vontade de viver, mas prepara-se para morrer.

Observa-se também, na parte final do romance, um prodigioso monólogo que para o leitor delinea-se como um revoltado grito-confissão do narrador protagonista: “Senti-me pronto a reviver tudo. Como se aquela cólera me tivesse purgado do mal, esvaziado de esperança, diante daquela noite carregada de signos e estrelas, eu me abria pela primeira vez à terna indiferença do mundo” (CAMUS, 1977, p.122).

A estratégia do percurso narrativo utilizado por Camus, em “*O Estrangeiro*”, é a descontinuidade factual marcada pela gratuitidade das ações que se sucedem sem que o leitor entenda o porquê.

No cenário narrativo que trata do julgamento de Mersault, o leitor acompanha de um lado o promotor, tentando provar que um homem que não chora a morte da sua própria mãe é culpado de tudo. Do lado oposto, um advogado que se espanta diante da indiferença de seu cliente diante da situação, levando-o a pleitear a culpa com atenuantes para seu cliente, mas perde. Mersault, nesse cenário de batalha verbal entre os dois lados que é pontuado também pelas inquisições do juiz, divaga despreocupadamente. “Mesmo estando no lugar de réu, é sempre interessante ouvir falar de nós mesmos”. Sente-se, nesse momento, toda a força do título-metáfora do romance, que talvez se configure como o momento de maior identificação de um homem, que se sente estrangeiro no mundo, com a espécie humana. Trata-se do momento em que “*o outro*” o enxerga e fala sobre ele, ainda que para condená-lo e leva-lo à morte.

No julgamento, alheio a tudo, como se nada tivesse acontecido ou fosse acontecer, Mersault declara como justificativa de seu ato arbitrário, que matou por causa do sol, já que buscar uma razão coerente e que não fosse absurda para defender-se significaria aceitar as regras do jogo social e do sistema com os quais ele recusa-se a compactuar.

Mersault encarna a indiferença perante a existência, tanto a sua própria quanto a dos que o cercam. “Hoje a mãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem”

(CAMUS, 1977, p.07). Ele vive reagindo ao que é pontual, aos fatos que são momentâneos e que a voz ficcional apresenta sem conexões lógico-cartesianas com a realidade. Não há razões para que os fatos ocorram. A gratuidade, nesse contexto, provoca o sentimento do absurdo.

Do início do processo de Mersault até a sua implícita condenação à guilhotina, o protagonista é confrontado com questões ligadas a religião. Em uma dessas passagens, o juiz o interpela:

Bruscamente levantou-se, dirigiu-se com grandes passadas para a extremidade da secretária e abriu uma gaveta. Tirou um crucifixo de prata e, agitando-o no ar, (...) com uma voz completamente diferente, quase trêmula, gritou: ‘Conhece-o, conhece-o?’ Respondi: ‘Sim, é claro que o conheço’. (CAMUS, 1977, p.98).

Mersault é o porta-voz do ateísmo contraditório de Camus que aceita que Deus é necessário e faz falta que exista, mas, paradoxalmente, ao mesmo tempo afirma que Deus não existe nem pode existir, sendo talvez essa incoerência a síntese de seu pessimismo racionalista, face ao absurdo do mundo. Por sustentar seu ideário em dois pilares – o absurdo e a revolta – Camus é classificado usualmente pela crítica literária e pela historiografia histórica como um filósofo existencialista, embora em o “*Mito de Sísifo*” ele o negue textualmente.

“Não sou existencialista (...) e o único livro de idéias que eu publiquei ‘O Mito de Sísifo’, foi contra os filósofos existencialistas” (apud, BARRETO, 1991, p.20-21).

Para o autor, o conceito de absurdo refere-se ao confronto da irracionalidade do mundo com o desejo de racionalidade que se encontra no homem. Já a revolta vincula-se à busca inconsciente de uma moral.

Esses dois pilares podem ser reconhecidos em “*O Estrangeiro*”, já que Mersault, despreocupado, indiferente e sem aspirações para o futuro aceita a vida cercada pelo absurdo, mas aceita-a como ela é. Depois do choque representado pelo assassinato do árabe, entretanto, ele é condenado à morte e descobre a beleza da vida, modificando sua postura e fazendo emergir de dentro de si a revolta.

Para Carvalhães, o absurdo era um abismo sem fim colocado diante do ser humano “era o vazio de onde Camus tirava o sentido para preencher sua vida”. (CAVALHARES, 1997, p.77).

Assim, tudo que Mersault tem é a vida que se apresenta gratuitamente e sem explicação. Já que não se tem mais Deus, a saída é a revolta, pois somente ela é capaz de fazê-lo transcender e recuperar a dignidade.

No prefácio em que Camus resume o seu romance, ele defende seu protagonista do julgamento de seus leitores “o herói do meu livro é condenado porque não joga o jogo. Sob este aspecto, ele é estrangeiro para a sociedade em que vive; ele vaga na borda, nos subúrbios de uma vida privada, solitária e sensual” (CAMUS, 1977, prefácio).

É interessante observar a defesa inflamada que o autor faz de Mersault, afirmando não considerá-lo como “um pedaço de entulho social, mas um homem pobre e nu, enamorado de um sol que não deixa sombras (...) ele é animado por uma paixão pelo absoluto e pela verdade” (CAMUS, 1977, prefácio).

E adverte, ainda, o seu leitor “Ninguém estará muito enganado, ao ler ‘O Estrangeiro’ como a história de um homem que, sem heroísmos, aceita morrer pela verdade”. (CAMUS, 1977, prefácio).

Na verdade, depois de terminar a leitura do livro, estranhamente o leitor vê Mersault transformar-se de algoz em herói e sai-se da leitura ao lado dele, considerando-o um injustiçado, uma inocente vítima do sistema.

Um processo ficcional denso e uma linguagem elegante e sem excessos parecem contribuir para esse projeto bem sucedido de Camus de distorcer a percepção dos seus leitores, deixando-os tão concentrados no empenho da promotoria em condenar Mersault não pelo crime, mas por ter ido ao cinema no dia da morte da mãe, que o leitor se esquece de que de fato ele cometeu o crime pelo qual está sendo acusado. Embora a promotoria utilize argumentos que não se relacionem ao crime propriamente dito, os leitores sabem que Mersault merece punição.

Dessa forma, o promotor ignora os detalhes do crime e se concentra no caráter de Mersault. Essa estratégia discursiva incorpora o leitor ao cenário ficcional e tal qual estivesse no júri, esse leitor cai na mesma armadilha. Discorda-se do promotor, que condena Mersault por ele não ser hipócrita, “*por falar a verdade*” e tomamos sua

defesa, mas, paradoxal e absurdamente, concorda-se com ele, em relação aos fatos essenciais do caso que coloca em evidência o seu caráter.

O leitor deixa-se conduzir pela propriedade com que o argumento literário é construído e permite que o promotor desvie o seu olhar do árabe morto na praia para apiedar-se de Mersault que, na realidade, cometeu um assassinato gratuito. A conduta desse personagem do absurdo não pode ser julgada pelo crivo de nenhuma razão ou nenhuma lei. A alteridade não se delinea em sua consciência, é apenas e tão somente a noção de si mesmo que reina absoluta. Nesse contexto, misturam-se o **Absurdo** como noção que permite o entendimento do mundo e o **Sol** como gerador do destino humano. É o espectro solar, enquanto realidade metafísica, que faz Mersault, como um fantoche, matar um árabe que poderia ser qualquer outro que se interpusesse em seu caminho e o faz ir ao encontro do absurdo da existência. Esse **Sol** põe em cheque a razão e a liberdade humanas e o **Absurdo** refere-se ao “*locus privilegiado*” onde se encontra o significado do mundo que é capaz de levar o homem à esfera de sua própria humanidade. Dessa forma, no universo de Camus, não há espaço para heróis ou semi-deuses, mas para “*homens pobres e nus*” que vivem sem culpas nem arrependimentos, sem preocupações com o futuro, com vagas ligações com o passado, inteiramente sós e privados de ilusões e de certezas que os tornam “*estrangeiros*”.

O narrador-protagonista de “*O Estrangeiro*” não precisa justificar-se, porque sente-se o próprio estrangeiro num mundo privado de ilusões, de sentido e de luz, por isso não procura significação para o que lhe acontece, ao contrário, não avalia, não comenta e não julga. Por essa razão, o movimento narrativo em primeira pessoa delinea-se de forma límpida e isenta, deixando Mersault à deriva em um universo que é indiferente ao seu destino e o qual ele evita explicar por uma seqüência cronológica linear dos fatos, mas utilizando uma descontinuidade romanesca que trata da condição humana e contempla em sua trama diferentes temas: como a indiferença, a justiça, a solidão humana, as circunstâncias que fazem as tragédias, a alegação de que a vida não vale a pena, a rejeição da transcendência, a ausência de Deus. A presença desses temas justifica o desabafo que Mersault faz no final do livro: “Eu estava agora completamente encostado à parede” (CAMUS, 1977, p.167), fazendo com que o leitor também partilhe dessa sensação desconfortável, sobretudo porque é levado a refletir sobre a indiferença diante do destino humano e também sentir-se acuado.

Se por um lado a recorrência desses “*pesados*” temas filosóficos percorrem “*O Estrangeiro*”, por outro lado há um aspecto sobre o qual os estudiosos de Camus pouco falam: as qualidades de que se compõe o romance e que pertencem a um outro universo: **o da criação literária**. Ao contrário de Sísifo, condenado ao peso da rotina de carregar pedras ao topo da montanha, observa-se, no romance analisado, **a leveza** da estrutura narrativa e da linguagem que é defendida por Ítalo Calvino (1998), como um dos importantes valores literários que merecem ser preservados no curso do século XXI.

“(...) a leveza é algo que se cria no processo de escrever, com os meios lingüísticos próprios do escritor, independentemente da doutrina filosófica que este pretende seguir” (CALVINO, 1998, p.22).

Dessa forma, paradoxalmente, o absurdo e a revolta liberam o herói de Camus do peso de viver o drama fundamentalmente humano que é a questão do não-sentido, do acaso. A límpida perfeição estilística de sua escritura e a sobriedade de sua inspiração argumentativa contribuem, em grande medida, para a eficácia de sua expressão literária.

Esse aspecto faz ecoar a defesa que Calvino faz da leveza como um dos atributos da literatura:

Cada vez que o reino do humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu deveria voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho (...) Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle (CALVINO, 1998, p.19).

O despojamento da linguagem de Camus, em “*O Estrangeiro*”, canaliza os significados das palavras até assumirem uma rarefeita consistência que produz o não-sentido que caracteriza o seu mundo absurdo. Também o percurso narrativo não-linear que rompe a relação causa-efeito contribuem para tal. A leveza esconde-se no absurdo como uma reação ao peso do viver.

O narrador-protagonista relata os acontecimentos de sua vida que podem parecer absurdos para o leitor graças à descontinuidade narrativa, mas não o é no seu

mundo indiferente e descompromissado onde outra lógica é instaurada. No meio dela, Mersault não consegue explicar-se, pois instala-se acima das convenções e do sistema.

Outro valor apontado por Calvino que pode ser observado em “*O Estrangeiro*” é a **rapidez** manifestada pela economia da narrativa em que os acontecimentos estão ligados por segmentos justapostos cuja relação lógica não precisa ser explicada, comentada ou justificada. Isso imprime concisão e eficácia à narrativa. Essa rapidez e a concisão do estilo decorrem da presença do absurdo na obra que gera um conjunto de idéias tão rápidas que parecem simultâneas. Esse recurso parece agradar ao leitor pelo seu efeito.

A respeito dessa economia narrativa, Calvino explica que

a rapidez de estilo e de pensamento quer dizer antes de mais nada agilidade, mobilidade, desenvoltura; qualidades que se combinam com uma escrita propensa às divagações, a saltar de um assunto para o outro, a perder o fio do relato para reencontra-lo ao fim de inumeráveis circunlóquios (CALVINO, 1998: p.59).

O êxito de Camus, nesse breve romance-relato está na felicidade da expressão literária que utiliza, no emprego da palavra certa no lugar certo.

Essa qualidade de utilização exata da palavra é emprestada a Mersault que encarna o homem absurdo de Camus, para quem a vida não passa de uma sucessão interminável de dias iguais uns aos outros. Tudo é tédio e fadiga. Seu inconformismo resulta do desconhecimento de regras institucionalizadas de convivência e de sociabilidade que o leva a tomar banhos de mar e estabelecer uma relação com uma mulher, logo após a morte da mãe e a “*matar um árabe por causa do sol*”. Tudo ocorre de forma aparentemente casual, sem nenhum motivo e a ação é conduzida por uma voz narrativa densa, exata e ao mesmo tempo simples e poética.

Em síntese, “*O Estrangeiro*” solicita de seu leitor a busca incessante de todos os sentidos que as palavras utilizadas comportam no texto, buscam-se os falsos sentidos, os contra-sensos, os paradoxos, as entrelinhas, os sentidos pressupostos, as diferentes interpretações e os sentidos possíveis. Pelo investimento no absurdo, Camus ultrapassa as oposições sujeito e objeto, objetividade e subjetividade, comum e literário, consciência e absurdo, obrigando seu leitor, a exemplo do que diz Calvino, a assumir outro ponto de observação outra ótica, outra lógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Vicente. **Camus: vida e obra**. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHARES, Cláudio. **Albert Camus e o Cristianismo**. São Bernardo do Campo: UESP, 1997.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1977.

MATHIAS, M. Duarte. **A Felicidade em Albert Camus**. Bertrand Editora, Lisboa, 1978.

MOUROIS, André. **De Proust a Camus, vida e obra dos maiores escritores franceses do século XX**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

GONZÁLEZ, Horácio. **Albert Camus – a libertinagem do sol**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

SABER ACADÊMICO

¹ Mestrando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH/USP. Bolsista Capes. E-mail: lauriti@usp.br